UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA (EAD)

JOSÉ RAFAEL MONTEIRO PESSÔA

OS EXTREMOS DO ARCO-ÍRIS
Uma proposta de leitura literária para estudantes do 9º Ano

RECIFE
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA (EAD)

JOSÉ RAFAEL MONTEIRO PESSÔA

OS EXTREMOS DO ARCO-ÍRIS
Uma proposta de leitura literária para estudantes do 9º Ano

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa (EAD), como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Professora Doutora Rosiane Maria Soares da Silva

RECIFE
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo
autor, através do programa de geração automática
do SIB/UFPE

Pessôa, José Rafael Monteiro.
Os extremos do arco-íris: Uma proposta de leitura literária para estudantes do 9º Ano / José Rafael Monteiro Pessôa. - Recife, 2023.
47 : il.

Orientador(a): Rosiane Maria Soares da Silva Xypas
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura, 2023.

1. Literatura. 2. Leitura Literária. 3. Educação. 4.Raimundo Carrero. I. Silva, Rosiane Maria Soares da. (Orientação). II. Título.

800 CDD (22.ed.)

À Lara Salgado Vieira Monteiro Pessôa e a Glena Salgado Vieira, que tiveram paciência comigo em toda essa graduação.

AGRADECIMENTO

Não tem como fazer qualquer tipo de agradecimento sem começar com os meus pais. José Gomes Pessôa e Sônia Maria Monteiro Pessôa, sempre foi graças a eles que consegui tudo que precisava em diversas áreas da minha vida.

Agradeço aos meus colegas de curso e aos professores que se fizeram presentes em todo esse caminhar ao longo de diversos anos.

Agradeço às minhas amigas que foram tão importantes quando eu deixei de ser apenas um filho e me tornei um pai. Sem Elyne Gonçalves de Moura Veras e Andresa Bezerra de Santana para auxiliar em casa com minha filha, parte dessa graduação não poderia ter sido cursada.

Agradeço à minha família que se fortaleceu no momento pandêmico: minha sogra, Gelcy Salgado Vieira; meu cunhado, Sidiclei Araújo Silva; minha irmã, Cristiana Monteiro Pessoa; e minhas sobrinhas, Heloísa Monteiro Pessoa de Araújo e Marina Monteiro Pessoa de Araújo.

Agradeço à Secretaria do curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa (EAD), em especial aos queridos Breno Hiroshi Hatori e Márcia de Oliveira Moura, mais que profissionais foram companheiros desde o primeiro período do curso.

Agradeço aos estudantes do 1ºB do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco por me ajudarem a ser um professor e uma pessoa melhor.

Agradeço à Professora Doutora Milena Karine Wanderley de Morais por ter dividido sua turma comigo e, assim como o pessoal do CAp, estive do meu lado nessa reta final.

Agradeço a Professora Doutora Rosiane Maria Soares da Silva Xypas que aceitou me orientar nessa última fase do curso, expandindo meus conhecimentos para espaços que eu desconhecia.

E por último meu agradecimento especial à família que formei: minha esposa Glena Salgado Vieira e minha filha Lara Salgado Vieira Monteiro Pessôa, por me fazerem continuar quando eu já não aguentava mais e por todo amor e compreensão destinado a mim.

RESUMO

O trabalho apresentado aborda como um livro infanto-juvenil da extensa obra literária do escritor pernambucano Raimundo Carrero, *Os extremos do arco-íris*, pode servir como sugestão de leitura literária para alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental, visto a leitura literária ser de grande relevância tanto para o aprendizado acadêmico como para a construção do aluno enquanto cidadão. Para tanto, a pesquisa abordou, em 3 capítulos, conceitos de literatura, narrador, leitor, leitura, leitura literária, assim como o autor e a obra em questão. Foi utilizado como aporte teórico o trabalho de Massaud Moisés, Jean Paul Sartre, Raul Castagino, Oseki-Depré, Antoine Compagnon, Theodor Adorno, entre outros autores. Além dos conceitos literários, buscou-se fazer uma reflexão sobre a educação e o ensino de Literatura e como os professores e a estrutura escolar tem um papel importante nessa temática.

Palavras-chave: Literatura; Leitura Literária; Carrero; Educação.

ABSTRACT

The work presented addresses how a children's book of the extensive literary work of the Pernambuco writer Raimundo Carrero, Os Extremos do Arco-Iris, can serve as a suggestion of literary reading for students of the 9th year of Elementary School, since literary reading is of great relevance both for academic learning and for the construction of the student as a citizen. Therefore, the research addressed, in 3 chapters, concepts of literature, narrator, reader, reading, literary reading, as well as the author and the work in question. The work of Massaud Moisés, Jean Paul Sartre, Raul Castagino, Oseki-Depré, Antoine Compagnon, Theodor Adorno, among other authors, was used as a theoretical contribution. In addition to literary concepts, an attempt was made to reflect on the education and teaching of Literature and how teachers and the school structure play an important role in this theme.

Keywords: Literature; Literary Reading; Carrero; Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Dados estruturais do Colégio de Aplicação.....36
Quadro 2 – Dados estruturais do Colégio de Aplicação.....37
Quadro 3 – Dados estruturais do Colégio de Aplicação.....38
Figura 1 – Capa do livro Os extremos do arco-íris.....41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10
2. LITERATURA: TUDO O QUE PODE VIR A SER 13
2.1 O que é Literatura? 13
2.1.1 O narrador e o leitor 18
3. RAIMUNDO CARRERO E SEUS EXTREMOS DO ARCO-ÍRIS 21
3.1 Entre jornais e livros 21
3.2 Os extremos do arco-íris 25
4. POR UMA PROPOSTA DE LEITURA LITERÁRIA 32
5. CONSIDERAÇÕES 44
REFERÊNCIAS 45

1. INTRODUÇÃO

Quando escolhi uma obra de Raimundo Carrero para ser o objeto de estudo no meu trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras-Português, levei em consideração inúmeros fatores, um deles foi minha familiaridade com suas obras e toda a importância que elas têm para o cenário da literatura nacional, sobretudo a literatura produzida em Pernambuco. A literatura carreriana é uma amiga de muitos anos. Há um ditado que diz que ler um livro é ser apresentado a um amigo e reler um livro é reencontrar esse velho amigo. Para tanto, faltava escolher qual dos meus velhos amigos eu iria visitar e que seria bem apresentado a jovens estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, turma para qual desenvolvi minha proposta interventiva.

Conheci Carrero no 7º Festival Recifense de Literatura: A Letra e a Voz, em agosto de 2009, quando fui seu aluno em uma oficina literária ministrada na antiga Livraria Cultura do Paço Alfândega. Já em 2012 comecei a estudar sua obra com mais afinco no mestrado em Teoria da Literatura, na Universidade Federal de Pernambuco e em 2014 fui convidado como palestrante pela Festa Literária Internacional de Pernambuco - Fliporto – para falar sobre a literatura de Carrero.

A literatura carreriana é cativante ao mesmo tempo que é impactante. É praticamente impossível não se meditar sobre o que fora lido ao fim dos seus romances. Carrero é, mais que tudo, um romancista, cujo romance seria a tentativa de superar a dissonância entre o “eu” (sujeito) e o “outro” (objeto). Para Lukács, o romance seria a forma artística que corresponde à fratura entre o sujeito e o mundo, vivida pelo homem moderno, pois o mundo moderno é um mundo degradado, desintegrado, inadequado: “O romance é a epopeia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para a qual a imanência do sentido à vida tornou-se problemática, mas que ainda assim tem por intenção a totalidade” (LUKÁCS, 2009, p.85). Logo, no romance, a oposição entre realidade e ideal se traduz em uma tensão entre o desejo e a impossibilidade de realização, expresso no anseio configurador do indivíduo problemático. A obra de Carrero transparece toda a angústia do homem moderno, as aflições e questionamentos desse indivíduo problemático.

O livro que escolhi para trabalhar foi *Os extremos do arco-íris,* publicado pela editora Bagaço em 1993. Ele foi o primeiro livro que Carrero criou sob encomenda. Seu objetivo era fazer um romance infanto-juvenil. O enredo conta a história de um cinéfilo recifense desempregado que morava com os pais que de uma hora para outra tem sua vida modificada ao se tornar detetive, profissão que ele não tinha nem experiência nem preparo. O que o motivara a conseguir esse emprego era a possibilidade de conseguir algum dinheiro.

Em *Os extremos do arco-íris* percebemos o narrador empenhado em nos convencer da história que está sendo contada, muito embora ele próprio estivesse confuso com os acontecimentos que passam a ocorrer com ele desde o momento que ele encontra um anúncio no jornal. No anúncio era informado que estavam contratando desempregados para desempenhar a função de detetive.

Raimundo Carrero e *Os extremos do arco-íris* serão tratados com mais cuidado no segundo capítulo dessa monografia que está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo, *Literatura: Tudo o que pode vir a ser*, está dividido em duas partes, *O que é Literatura?* e *O narrador e o leitor*. Nele será abordada diversas visões sobre o que vem a ser literatura, assim como narrador e leitor. Para tanto, foi utilizado como aporte teórico o trabalho de Massaud Moisés, Jean Paul Sartre, Raul Castagino, Oseki-Depré, Antoine Compagnon, Theodor Adorno, entre outros autores.

O segundo capítulo, como falei anteriormente, versará sobre o autor Raimundo Carrero e sua obra *Os extremos do arco-íris*. *Raimundo Carrero e seus extremos do arco-íris* também está dividido em duas partes, *Entre jornais e livros* tratará sobre o autor e O*s extremos do arco-íris* tratará sobre a obra.

O terceiro e último capítulo, *Por uma leitura literária*, trará as visões de leitura literária e de como ela será proveitosa para os estudantes do último ano do Ensino Fundamental. Como professor pude trabalhar com diversas turmas, com alunos de diferentes idades e classes sociais bem distintas. Mas foram minhas últimas experiências em sala de aula que me fizeram decidir pelo livro e de todas as possibilidades que sua leitura traria para os estudantes.

Ao longo do ano de 2022, realizei estágio em duas escolas públicas que apresentam uma diferença brutal tanto no nível de aprendizado dos alunos quanto em sua realidade social, assim como na estrutura das escolas. Na

primeira escola (uma escola estadual) eu ministrei a disciplina de Português para a turma do 9º ano e na segunda escola (uma escola federal) eu trabalhei com a turma do 1º ano do Ensino Médio. A escolha das escolas não foi aleatória, eu já havia sido professor nas duas escolas em outras ocasiões e desejava observar as mudanças que tinham ocorrido tanto no sistema de ensino quanto no público discente.

Ao passo que acreditamos que a educação é a mola propulsora para transformações sociais, sabemos que essa educação passa por um público leitor, sendo uma leitura literária fundamental para o desenvolvimento intelectual dos estudantes.

Na escola, a leitura está ligada a diversos discursos e gêneros textuais, como a científica, a filosófica, a informativa, sendo a leitura literária apenas um tipo dessa leitura. A leitura literária é essencial para o desenvolvimento de questionamentos do mundo, para isso é necessário liberdade e respeito pela leitura do outro, haja vista cada leitura ser particular.

É através da leitura literária que é possível exercitar a imaginação, dando origem a estórias capazes de despertarem no leitor pensamentos e emoções.

Incentivar a leitura é um trabalho complexo e compreender o que está sendo lido é uma tarefa desafiadora desde sempre e na contemporaneidade tem sido ainda mais, haja vista a disputa com o entretenimento instantâneo fruto de mídias sociais e smartphones. Dessa forma, chegamos as perguntas norteadoras dessa pesquisa: Como trabalhar o livro em sala-de-aula? Como incentivar adolescentes a desenvolverem gosto pela leitura?

O adolescente encontra-se emocionalmente vulnerável, e acaba sendo influenciado diretamente pelo poder de convencimento das mídias, dos amigos, dos códigos consumistas, deixando levar-se, na maioria das vezes, pela satisfação imediatista.

A formação de leitores com habilidades de compreensão e interpretação vem sendo um desafio cada vez mais complexo para os professores. Trabalhar a disciplina Literatura exige a qualificação dos profissionais, a capacitação dos alunos enquanto leitores, para interação com os textos e o meio social. Dessa forma, uma leitura literária é essencial para o desenvolvimento acadêmico, crítico e intelectual dos alunos.

2. LITERATURA: TUDO O QUE PODE VIR A SER

2.1 O que é Literatura?

Se estivéssemos em um programa de auditório e nos fosse perguntado o que vem a ser *literatura*, uma resposta simplista poderia nos vir a mente, mas refletir sobre a pergunta e encontrar uma solução categórica seria uma resposta de um milhão de dólares.

Definir o que é ou o que pode vir a ser *literatura* é um trabalho de características hercúleas, visto que desde a Antiguidade greco-latina esse conceito tem sido buscado por críticos, teóricos e filósofos, dentre eles Aristóteles[1]. Não obstante, levando em consideração as discussões sobre o tema nos últimos séculos, encontraremos inúmeros conceitos sobre a "arte de escrever", muito embora nem sempre eles caminhem numa mesma direção.

Para o dicionário online *Michaelis*, a literatura é definida como:

1. Arte de compor escritos, em prosa ou em verso, de acordo com determinados princípios teóricos ou práticos.

2. Atividade ou profissão de um homem de letras; o trabalho, a arte do escritor.

3. O conjunto das obras literárias de um país, um gênero, uma época etc. que, pela qualidade de seu estilo ou forma e pela expressão de ideias de interesse universal ou permanente, têm reconhecido seu alto valor estético.

4. O conjunto das obras literárias de um agregado social, ou em dada linguagem, ou referidas a determinado assunto.

5. A história das obras literárias do espírito humano.

6. O conjunto dos homens de letras em atuação em determinada sociedade.

7. O conjunto de conhecimentos relativos às obras literárias e a seus autores.

8. Disciplina escolar voltada para o estudo da produção literária e dos escritores.

9. Qualquer dos usos estéticos da linguagem, mesmo quando não escrita.

[1] Aristóteles desenvolveu com seus estudos a ideia de mimese, onde a arte literária era compreendida como imitação, ou capacidade de reproduzir com os meios próprios, os mecanismos utilizados na criação da realidade do mundo, ou seja, arte como recriação.

10. (Pejorativo) Palavreado artificial, desvinculado do que se entende por realidade. (Disponível em https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=literatura. Acessado em 15/03/2023.)

Após essas definições do que é a *literatura* para o dicionário, nos cabe procurar o que estudiosos das letras pensaram sobre essa temática. Um dos grandes pensadores sobre a literatura no século XX foi o filósofo francês Jean Paul Sartre, que, em 1947, publicou sua obra *Que é a literatura?.* No ensaio, o filósofo desenvolve os seus argumentos em resposta às duras críticas que recebia em razão do princípio do engajamento característico de suas obras literárias. Seus críticos entendiam que Sartre empregava a literatura como pretexto para propagar e defender suas teses políticas e filosóficas, lançando assim um tipo de literatura engajada, distorcendo e empobrecendo o sentido nobre da arte das *belles-lettres*. Em resposta a essas críticas, a intenção de Sartre é fazer uma exaltação da literatura, compreendendo-a como um livre desvendamento do sentido de mundo por meio de um objeto imaginário, um pacto de generosidade entre autor e leitor.

No *Dicionário de termos literários*, Massaud Moisés dedica um verbete de 6 páginas para definir segundo alguns estudiosos o que é a literatura, vale salientar que Sartre é um desses estudiosos. Moisés nos informa que *literatura* vem do latim e seria a arte de escrever.

> Problema fulcral e permanente, situado na base de todas as controvérsias críticas e teóricas, o conceito de “literatura” tem sido amplamente examinado, sem conduzir a resultados definitivos. É de crer que continue a oferecer resistência, na medida em que a própria atividade literária segue um incessante progresso cumulativo. Provavelmente em razão dessa capacidade fecunda de renovar-se ao mesmo tempo que os artefatos que busca denominar, o conceito de “literatura” está implícito, de forma sistemática e persistente, em todos os escritos críticos: parece fora de dúvida que os desentendimentos nessa área principiam e terminam na noção de “Literatura”.
> [...]
> Somente a partir do século XIX é que a palavra “literatura” entrou a ser empregada para definir uma atividade que, além de incluir os textos poéticos e os prosísticos, abrangia todas as expressões escritas, mesmo as científicas e as filosóficas.
> Tal amplitude semântica, de resto entranhada na etimologia do vocábulo, tinha razão de ser: desde a origem a Literatura condiciona-se à letra escrita, impressa ou não... a literatura subentende o documento, o texto, manuscrito, impresso, datilografado, digitado, em

> papel lâmina de meta, de papelão, disquete, etc., destinado antes à leitura que a audição. (MOISÉS, 2013, p. 273-274)

Como é possível perceber, esse conceito para literatura é ao mesmo tempo abrangente e limitante, haja vista o uso indiscriminado do termo “literatura” para textos escritos, criando dessa forma um valor pejorativo para o vocábulo. Muito embora o termo “literatura” seja empregado ainda hoje para diversas áreas do conhecimento.

No século XX encontramos as obras de Charles Du Bos, de Jean Paul Sartre, de Raul Castagino e de Thomas Clark Pollock, refletindo sobre o que vem a ser literatura. Para Du Bos a literatura conecta-se com a Alma, a Luz e a Beleza, onde “cada palavra é um ato e é a identidade entre a palavra e o ato que faz aceder ao intemporal”. (DU BOS apud MOISÉS, 2013, p.275).

No livro *Que é literatura?*, Raúl H. Castagnino informa que existem vários enfoques para enfrentar a pergunta do que vem a ser literatura: há os que explicam sua natureza e função atendendo aos efeitos que a literatura produz (sinfronismo, eloquência, etc.); os que penetram na intimidade de procedimentos e na autojustificativa (função lúdica, reencaminhamento de energias supérfluas, etc.); os que assinalam sua transcendência no sujeito criador (ânsia de imortalidade) ou no sujeito receptor (mensagem); os que nela veem um instrumento terapêutico (catarse) ou lhe encontram razão psicológica (escapismo, felicidade) e assim por diante. E cada um destes enfoques, por sua vez, admite tantas respostas quantos indivíduos os considerem.

1- Literatura é sinfronismo
2- Literatura: função lúdica do espírito
3- Literatura é evasão
4- Literatura é compromisso
5- Literatura, ânsia de imortalidade (CASTAGNINO, 1969, p.14)

Para Castagnino a arte literária caracteriza por um “‘sinfronismo’ (‘coincidência espiritual de estilo, de módulo vital, entre o homem de uma época e os de todas as épocas, dos próximos ou dispersos no tempo e no espaço’), pela sua função lúdica, por sua evasão, por seu compromisso, por traduzir ânsia de imortalidade.” (MOISÉS, 2013, p.275). Mais adiante, Moisés nos informa sobre como a literatura está interligada com a processo de imaginação e da arte. “A obra literária elabora, primordialmente, os dados da imaginação, visto ser arte

representativa; a imaginação está presente em todo o processo literário, ao passo que naquelas manifestações culturais é um componente dentre outros, e por certo não o mais relevante". (MOISÉS, 2013, p.275-76)

Ao falar sobre Sartre, Moisés nos conta que o trabalho do filósofo francês foi menos estético que sociopolítico:

> em vez de focalizar o objeto literário como um conceito a estabelecer, divisa-o como um dado universal, fazendo parte do corpo social, cuja função pedisse exame.
> Após demorado esmiuçamento, o ensaísta conclui que o estado das letras então vigente não correspondia às suas expectativas políticas. Restava-lhe, por conseguinte, projetar a literatura num futuro remoto, numa utopia. "Assim a literatura concreta será a síntese da Negatividade, como poder de extirpação que é dado, e do Projeto, como esboço de uma ordem futura; ela será a Festa, o espelho de fogo que queima tudo que nela se reflete, e a generosidade, ou seja, a livre invenção, o dom." (Sartre, 1948:196).
> Que tudo isto a arte literária pode vir a ser não está em causa. Mas não ficam assinaladas as razões pelas quais tudo que tenha tal poder se move necessariamente no perímetro das letras, e se qualquer objeto literário será capaz de honrar tal compromisso no futuro. Com os olhos voltados para o longínquo paraíso, produto da conquista de uma ordem política e social utopicamente igualitária, o autor prefigura o advento de uma *literatura total*, em tudo contrária às belas letras do seu tempo, "em trânsito para se tornarem arte industrializada". (idem:266,267) (MOISÉS, 2013, p.277)

Para Thomas Clark Pollock a arte literária constitui um tipo de conhecimento, distinto dos demais pelo signo empregado:

> Literatura pode ser definida como o enunciado de uma série de símbolos capazes de evocar na mente do leitor uma experiência controlada", ou, de modo mais explícito, consiste na "expressão de uma experiência do escritor através do enunciado de uma série de símbolos capazes de evocar na mente do leitor adequadamente qualificado uma experiência controlada, análoga à, embora não idêntica à, do escritor. (POLLOCK apud MOISÉS, 2013, p.278)

Massaud Moisés, após uma grande reflexão sobre os conceitos de literatura, nos demonstra que:

> A literatura é um tipo de conhecimento expresso por signos verbais polivalentes.[...]
> Literatura é um tipo de conhecimento expresso por metáforas... conhecemos a representação da realidade, não ela própria. Mas fazê-lo implica "mentir", "fingir" a realidade que se mostra, de modo que a realidade espelhada na representação não é que se deseja conhecer, mas como aparece na mente do artista, ou antes, como se reflete na sua *imaginação.*

> Daí se concluir que Literatura é *ficção, ou imaginação*. Por outro lado, se o tipo de conhecimento veiculado pela Literatura radica na imaginação, segue-se, finalmente, que *Literatura é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras polivalentes, ou metáforas*. (MOISÉS, 2013, p.278)

Contudo, é necessário ponderar que tais conceitos não são arbitrários e absolutos, haja vista o que disse Oseki-Depré. “A literatura não é uma representação da realidade, mas o resultado de um trabalho efetuado sobre a linguagem. Como consequência deste axioma, a “forma” é doravante inseparável do ‘conteúdo’, da estória”. (OSEKI-DEPRÉ, 1990, p.15)

Oseki-Depré se debruça sobre o problema que vem junto com o conceito de literatura: a literariedade, conceito que Roman Jakobson propôs.

Roman Jakobson, um dos próceres do Estruturalismo, propôs o termo ao afirmar que “o objeto da ciência literária não é a literatura, mas a ‘literariedade’(literaturnost), isto é, o que faz de uma determinada obra uma obra literária”, ou seja, literariedade é o que faz de uma determinada obra uma obra literária”. A literariedade designa os elementos que identificam o texto literário. E, segundo Riffaterre (apud MOISÉS, 2013, p.273), “é literário todo texto que se impõe à atenção do leitor pela forma, independentemente ou não do conteúdo e da natureza positiva ou negativa das reações do leitor”.

Pode-se, com efeito, considerar Jakobson como o principal autor do movimento teórico que imporá sua marca inclusive na concepção e na elaboração crítica da produção literária de nossos dias. (OSEKI-DEPRÉ, 1990, p.15)

A propósito da literariedade, livro escrito por Inês Oseki-Depré, nos conta que o problema da relação entre a ciência e literatura caracteriza de maneira bastante clara as preocupações fundamentais ligadas as domínio da teoria literária contemporânea, onde desde o início do século XX, numerosas pesquisas buscam conferir um estatuto científico à teoria literária e definir com maior rigor o domínio dessas investigações. (OSEKI-DEPRÉ, 1990, p.13) Embora não seja objetivo desse trabalho refletir sobre as definições do que vem a ser literariedade, acho válido levantar uma questão inquietante*: Literatura é ciência?*

Quem poderia responder essa questão? Os leitores? Os críticos? A Academia? O fato é que a literatura é um ramo de estudo que suscita inúmeros

questionamentos, seja sobre seu conceito, seus estilos narrativos e seus leitores.

2.1.1 O narrador e o leitor

Quando falamos em narrador devemos ter em mente que não é o autor da obra, mas sim quem está contando a história, sendo assim, não é necessariamente confiável, haja vista ele querer convencer o leitor daquilo que está sendo narrado. É deveras importante ter isso em mente quando fazemos a leitura de uma obra.

Em *Notas de Literatura*, Theodor Adorno busca esclarecer a posição do narrador no romance moderno, visto que há crise do narrador no romance, que, segundo o autor, é decorrente do subjetivismo. (ADORNO, 2003, p.55) Adorno debate os limites do romancista e sua obra, ressaltando que o romance deveria se concentrar naquilo que não é possível dar conta por meio do relato. Adorno celebra o escritor irlandês James Joyce, por este vincular o levante do romance contra o realismo a uma revolta contra a linguagem discursiva, visto o realismo ser estreito.

O narrador que apenas descreve, delimitando o seu papel e o do leitor em lugares fixos, não pertence à contemporaneidade, pois o domínio do objeto torna a obra distante do real. A questão seria: como narrar? Narrar passa em parte para o leitor, tornando este num partícipe da construção da interpretação da narrativa, não de maneira passiva, pois o leitor completa o pensamento do narrador.

Dessa relação leitor-narrador, há que se destacar a distinção entre leitor ativo e passivo. A receptividade da obra está ligada ao horizonte de expectativa, ou seja, o que o leitor espera e como ele recebe.

Luiz Costa Lima (LIMA, 1991) nos diz que enquanto no romance tradicional o enfoque era o convencimento, visto que o narrador tentava envolver o leitor de modo que ele acreditasse na sua narrativa, o narrador, portanto, era quem conduzia o leitor para o interior da história narrada com seus fatos e personagens; a narrativa contemporânea é exposta nas entrelinhas, na ironia, na construção do texto, pelo entrecruzar do enunciado e da enunciação que se nota a veracidade dos fatos, muitas vezes, manipulado pelo narrador como nos

romances românticos. Logo, o leitor exerce um papel ativo, participando da construção do sentido ao duvidar do que está sendo narrado ou mesmo embarcar dialogicamente com o narrador.

Segundo Todorov,

> A narrativa se constitui na tensão de duas forças. Uma é a mudança, o inexorável curso dos acontecimentos, a interminável narrativa da "vida" (a história), onde cada instante se apresenta pela primeira e última vez. É o caos que a segunda força tenta organizar; ela procura dar-lhe um sentido, introduzir uma ordem. Essa ordem se traduz pela repetição (ou pela semelhança) dos acontecimentos: o momento presente não é original, mas repete ou anuncia instantes passados e futuros. A narrativa nunca obedece a uma ou a outra a força, mas se constitui na tensão das duas. (TODOROV, 2004, p.22)

O papel do leitor, seja ele ativo ou passivo, é bastante complexo. No que diz respeito a esse assunto, Antoine Compagnon, em *Demônios da teoria*, após analisar diferentes visões a respeito da temática, levantou as seguintes questões:

> Que faz do texto o leitor quando lê? E o que é que o texto lhe faz? A leitura é ativa ou passiva? Mais ativa que passiva? Ou mais passiva que ativa? Ela se desenvolve como uma conversa em que os interlocutores teriam a possibilidade de corrigir o tiro? O modelo atual da dialética é satisfatório? O leitor deve ser concebido como o conjunto de reações individuais ou, ao contrário, como a atualização de uma competência coletiva? A imagem de um leitor em *liberdade vigiada*, controlado pelo texto, seria a melhor? (COMPAGNON, 2010, p.144)

Não nos cabe, agora, responder aos questionamentos de Compagnon. No entanto, é pertinente explicitar dois dos pensamentos que levaram o autor às referidas perguntas, um deve-se a Sartre, em seu livro outrora comentado:

> O ato criador não é senão um momento incompleto e abstrato da produção de uma obra; se o autor existisse sozinho, ele poderia escrever tanto o quanto quisesse, nunca a obra como *objeto* seria conhecida e seria preciso que ele desistisse de escrever ou se desesperasse. Mas a operação de escrever implica a de ler como seu correlativo dialético e estes dois atos conexos necessitam de dois agentes distintos. (SARTRE apud COMPAGNON, 2010, p.143)

No outro pensamento, Antoine Compagnon, explicitando as ideias de Proust, nos conta que "a leitura tem a ver com empatia, projeção, identificação. Ela maltrata obrigatoriamente o livro, adapta-se às preocupações do leitor. [...] O leitor é livre, maior, independente: seu objetivo é menos compreender o livro que

compreender a si mesmo através do livro; aliás, ele não pode compreender um livro se ele não se compreende ele próprio graças a esse livro". (COMPAGNON, 2010, p.141-142)

Mais adiante, ao falar sobre o *Leitor implícito*, Compagnon convocando Ingarden nos diz que o texto literário é caracterizado por sua incompletude e a literatura se realiza na leitura, logo, a figura do leitor e sua atuação é fundamental para que a literatura aconteça, tendo ela uma existência dupla e heterogênea. Por um lado ela existe independente da leitura, nos textos e nas bibliotecas, mas ela se concretiza somente pela leitura, sendo a própria interação do texto com o leitor o objeto literário autêntico.

> O sentido deve ser o produto de uma interação entre os sinais textuais e os atos de compreensão do leitor. E o leitor não pode desprender-se dessa interação; ao contrário, a atividade estimulada nele o ligará necessariamente ao texto e o induzirá a criar as condições necessárias à eficácia desse texto. Como o texto e o leitor se fundem assim numa única situação, a divisão entre sujeito e objeto não funciona mais; segue-se que o sentido não é mais um objeto a ser definido, mas um efeito a ser experimentando. (ISER apud COMPAGNON, 2010, p.147)

Em síntese significa dizer que o texto instrui e o leitor constrói. Assim sendo, depois de termos em mente o que pode vir a ser literatura, bem como o espaço do narrador e do leitor, iremos no próximo capítulo conhecer o autor e a obra que será trabalhada na leitura literária.

3. RAIMUNDO CARRERO E SEUS EXTREMOS DO ARCO-ÍRIS

3.1 Entre jornais e livros

O jornalista, professor e escritor pernambucano Raimundo Carrero de Barros Filho, nasceu em 20 de dezembro de 1947, em Salgueiro, interior de Pernambuco, filho de Raimundo Carrero de Barros e Maria Gomes de Sá. Carrero estreou na literatura oficialmente com a publicação do seu romance *A história de Bernarda Soledade – A Tigre do Sertão*, embora tenha realizado seus primeiros escritos ainda na adolescência. *Bernarda Soledade* contou com um longo prefácio do seu amigo, o escritor paraibano Ariano Suassuna, principal nome do Movimento Armorial, movimento o qual Carrero também fazia parte.

Para alguns críticos literários Carrero é visto como um escritor regionalista. Contudo, ele transparece em sua obra o universo do humano em todas as faces, incluindo a miséria, a religiosidade, a maldade, a sexualidade e a loucura.

Para Carrero, se não existe contradição na alma humana, não existe obra literária, sendo a loucura essencial para a vida, pois, transgredir o natural é o que faz a vida ter cor, ter graça. Para ele a vida precisa de um pouco de anarquia, um pouco de molecagem, senão não é vida.[2]

Carrero é um escritor extremamente técnico. Ele acredita que para uma obra literária ser construída a prática é muito mais necessária que a inspiração. Entre suas técnicas, Carrero faz uso da possibilidade de convocar o leitor ao diálogo, haja vista este último se identificar ou se distanciar dos personagens de suas obras, mexendo com a sensibilidade do leitor ao máximo.

Podemos dizer que Raimundo Carrero sintetiza muitos elementos de um escritor romântico moderno, seja pelo fato de possuir as angústias do autor, que correspondem aos conflitos imanentes que o homem sempre possuiu e que transpareceram mais claramente nos últimos séculos.

> Ao longo de minha carreira de escritor – sobretudo depois que escrevo um livro ou pouco depois de publicá-lo -, não é incomum o tempo em que me sinto tomado por um vazio intelectual, cinzento e lerdo, em que fico completamente parado. Seco. Ou tenho essa sensação. É como se não existisse. Conduzido por

[2] Depoimento dado ao jornalista Felippe Torres, Jornal Diário de Pernambuco, 23 de setembro de 2013.

uma incrível insensibilidade. Aí quando me imagino sentado na cadeira de balanço do meu pai, em Salgueiro, sempre à noite, e desejando permanecer ali para sempre. Não quero nunca mais voltar ao mundo. E o que mais me impressiona, é que não sinto raiva, não sinto desgosto, não sinto desespero. Nada. E apenas nada.

Talvez uma espécie de zumbi, estranho ao mundo, às suas sensações, aos seus comportamentos. Não é o caso de perguntar por que vivo ou por que não vivo; por que sou escritor ou por que não sou escritor. Não, não é assim. Apenas não sinto nada, não vejo nada, não percebo. Torno-me autômato. E o sonho de voltar à cadeira de balanço retorna, é uma imagem recorrente que me dá tranquilidade, me deixa em paz, me acalma. Agora estou ali, certo de que a noite passa, e que nunca mais vou precisar sequer de mim.

Esse vazio intelectual vai, aos poucos, passando para a minha vida prática. Não sinto gosto. Não vejo cores. Não me alegro. E o que mais me inquieta é não sentir gosto. Ou seja, sabor. Quando não distingo uma feijoada de uma macarronada. Uma feijoada não me satisfaz, muito menos uma macarronada. Que diferença faz um suco de caju, de um suco de mangaba? Uma cerveja ou um copo de vinho? Nada faz diferença na minha boca. Não sinto o tato. Ou penso que não sinto o tato. Passa por mim um estranho constrangimento quando tenho de falar com as pessoas. Não é uma questão de querer ou não querer – é uma questão de vazio.

Parecia ouvir, na minha quieta sensação de estranho ao mundo, aquelas palavras de Addie, personagem de Faulkner, no romance *Enquanto agonizo*: “Eu só me lembrava, então, de como meu pai costumava dizer que a verdadeira razão de se viver era preparar-se para ficar morto durante muito tempo”. Então eu me via mais do que nunca quieto, inexpressivo, preparando-me para morrer. Ou não. De que valia? Nada valia nada. Mais uma vez despojado de sensações e de sentimentos. Aí eu começo a pensar: por que não passo isso para meus personagens? Mas que personagens se eu não sei escrever? O que é um romance? Para que serve um romance? Que importância tem um homem escrever romances? Se meus leitores perceberem bem, minha obra está cheia dessas inquietações. É um momento da minha vida, digo, e – seja de que forma for – quero gostar dele. Ainda que as pessoas não percebam. Lembro-me de Hemingway dizendo a Fitzgerald: “Não lamente suas tragédias, transforme-as em literatura”. Sim, mas que tragédia, meu Deus, se não havia sequer uma tragédia para lamentar e escrever?

O curioso é que também se instala a reação. Quero sair dali, logo. Mas eu não sei escrever, não sei pensar, não sei ler. Os meus livros não existem, nunca foram escritos, não passam de ilusão. E se eu conseguir escrever alguma coisa agora? Começando hoje? Tornando-me verdadeiramente um escritor? Uma reação lenta, sem força, despossuída. Foi num desses tempos que me perguntei: de que matéria, afinal, são feitos os romances. Já havia começado a ministrar oficinas de criação literária, tinha poucos alunos, e procurava examinar cada passo de uma história, o que cada palavra estava ali e por quê. Mesmo assim vivia esquisitas inquietações. Nunca me senti plenamente um escritor. Faltava sempre alguma coisa, sempre. (CARRERO apud PESSÔA, 2014, p.46)

Quanto ao narrador, Carrero acredita que ele não precisa necessariamente ser dramático ou lírico, eloquente nos adjetivos ou leviano nos advérbios. Basta acreditar no sentimento da frase, da cena ou do cenário. Basta contar e descobrir o ritmo correto e precisa evitar as frases que interrompam o fluxo narrativo, pois o leitor perceberia a "mão pesada do autor". (CARRERO, Suplemento Pernambuco, fev.2013)

Como um leitor voraz, Carrero sente a necessidade muitas vezes de construir o seu texto aplicando uma larga perspectiva intertextual em suas obras, onde vários autores são convocados para um diálogo, quem sabe até mesmo dando início a um meta-romance, por haver também toda uma discussão de técnicas de romance nos objetivos de suas citações.

> As citações, que geraram, e geram, tantas desconfianças sobretudo dos críticos, não são apenas meras citações. Elas estão aí para representar a voz da contemporaneidade – às vezes da tradição -, como uma espécie de coro e de solos dos outros escritores, que vêm em ajuda ao narrador e acrescentam luzes à narrativa... Percebe-se aí, então, que no meu caso, a invenção de várias técnicas, alternadas entre si, mudam os rumos da narrativa, saindo, um pouco, do texto perfeito para desembocar na busca de técnicas que possibilitem maior intimidade com o personagem e, em consequência, procurando as várias pulsações que constroem uma obra de arte ficcional. (CARRERO apud PESSÔA, 2014, p.55)

No quesito das influências literárias, uma das principais para a criação das obras de Carrero, é o escritor russo Fiódor Dostoievski. Para o autor pernambucano, somente se consegue ser plenamente vivo, lendo, e bem, e Dostoievski é o centro de sua formação. Para Carrero, Dostoievski é o único autor que chegou perto de Deus.

Segundo Carrero, a *Bíblia* é o principal livro já escrito em toda a história da humanidade, pois encontramos nele personagens riquíssimos inseridos em temáticas fundamentais para o crescimento da alma humana, possibilitando as mais profundas hermenêuticas.

Segundo o próprio Raimundo Carrero, outro escritor estrangeiro que o influenciou bastante em seus conhecimentos literários e no seu modo de fazer literatura, foi o escritor norte-americano Willian Faulkner. Certa feita, o escritor pernambucano Hermilo Borba Filho considerou o livro de estreia de Carrero uma obra que deve mais a técnica narrativa a Willian Faulkner que à estética armorial de Ariana Suassuna.

> William Faulkner tem sido um autor a quem recorro sempre, com seus personagens atormentados e seus enredos entrecruzados. “Enquanto Agonizo”, às vezes cheio de moralidades e de julgamentos, colocou-me diante de uma questão que já me perseguia: o problema da técnica romanesca e me mostrou, imediatamente, a individualidade do personagem diante dos outros e diante dele próprio. Os personagens que contam a história e a história que se desenvolve a partir da versão dos personagens, sem que seja necessariamente contada por um narrador. Ou por um único narrador. O que me fez acreditar que uma narrativa pode ser ilinear sem perder a tensão. E me mostrou, pela primeira vez, as alternâncias do tempo verbal. Além disso, há o poder dramático. A partir daí aprendi algo definitivo: Um romance é também uma poética de romance. A estrutura de um romance é o reflexo da agonia humana. (CARRERO apud PESSÔA, 2014, p.60)

Duas peculiaridades bastante presentes nos personagens de Carrero, deve-se ao fato do autor ter sido repórter policial e músico[3]. Como repórter policial, Carrero esteve frente-a-frente com situações de extrema crueldade, onde o homem mostra-se capaz das coisas mais terríveis. Mesmo não exercendo mais essa função, o escritor continuou a utilizar as manchetes de jornal para se “inspirar” a desenvolver suas histórias. Quanto a sua musicalidade, é presença constante o saxofonista em suas tramas, geralmente ele é o protagonista, caso observado em Jeremias, de *Maçã Agreste*, Matheus de *O amor não tem bons sentimentos* e, naturalmente, Natalício em *Sinfonia para vagabundos*, onde encontramos a imagem de um saxofone já na capa do livro.

A utilização de experiências pessoais em suas obras é fundamental, além da utilização das suas memórias. A escrita memorialista transita entre os fatos e os devaneios, entre as imagens da imaginação e da memória, entre os tempos pretéritos e o desejo do tempo futuro, introduzindo uma gama de ressignificações, pela “reinvenção” do passado, adotando a forma da narrativa do imaginário, discorrendo conexões a um mito fundador, que é o da criação da própria memória, onde a capacidade de lembrar e a potencialidade de inventar se unem para a reinvenção do ser.

Carrero já declarara que o escritor deve usar a memória sem medo, pois as histórias estão bem próximas. Em algumas entrevistas ele deixa claro o quanto tem de si em seus personagens e o quanto tem de sua memória em seus

[3] Carrero é saxofonista, e em sua juventude tocou com a banda de rock Os Tártaros.

livros, levando-o a recorrer tanto em seus pensamentos irrealizáveis, como no seu inconsciente para a criação de histórias e personagens.

Com mais de 20 livros publicados e largamente premiado[4] como escritor, Carrero mantem uma oficina literária desde 1989, onde eventualmente edita uma coletânea de contos com escritos dos seus alunos, tendo entre seus discípulos nomes consagrados como o escritor Marcelino Freire. Além das aulas ministradas por Carrero, seus romances e livros teóricos são publicados com frequência, sendo o último lançado em agosto de 2022, intitulado *A luta verbal*, onde faz uma espécie de manifesto literário que se define como um "grito de dor contra agressões sociais".

3.2 Os extremos do arco-íris

Os extremos do arco-íris foi o primeiro livro que Carrero criou sob encomenda[5]. Seu objetivo era fazer um romance infanto-juvenil. Mas, além disso, acabou fazendo uma grande homenagem à poesia e a personalidades artísticas de Pernambuco. Vale salientar que além de artistas pernambucanos, Carrero convoca para seu romance escritores e artistas internacionais. Aproximadamente 40 citações são feitas de outros autores n'*Os Extremos do arco-íris*. Passam por ele: João Cabral de Melo Neto, Ascenso Ferreira, Carlos Drummond de Andrade, Agatha Christie, George Simenon, Truman Capote, Flaubert, Alberto da Cunha Melo, Mauro Mota, Edmir Domingues, Maximiano Campos, Anton Checov, Machado de Assis, Ângelo Monteiro, Carlos Pena Filho, Manuel Bandeira, Ariano Suassuna, Jaci Bezerra, Hermilo Borba Filho, Gilvan Lemos, Amílcar Dória Mattos, Dostoiévski, Eduardo de Lucena, Augusto Ferraz, Gogol, Ittérbio Homem de Siqueira, Bento Teixeira, Celina de Holanda Cavalcanti, Dione Barreto, Marcus Accioly, Everaldo Moreira Veras, Waldimir Maia Leite, César Leal, Renato Carneiro Campos, Luiz Arraes, Vanja Carneiro Campos e Osman Lins. Além desses nomes ligados à literatura, uma legião de nomes da música e de estudos da psique humana são citados no livro.

[4] Conquistou os prêmios Jabuti em 2000; Prêmio São Paulo em 2010; o prêmio APCA em 1995 e 2015; o Machado de Assis em 1995 e 2010; Prêmio Revelação do ano, em 1997, da Secretaria Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul; prêmio José Condé em 1984; e prêmio Lucilo Varejão em 1986.
[5] As Edições Bagaço convidaram Carrero para desenvolver um romance infanto-juvenil.

Para a composição do seu romance, Carrero fez uso de uma manchete de jornal como aporte inicial para a criação d´*Os extremos do arco-íris*, artifício muito utilizado por ele para desenvolver suas obras. O autor contou que estava sem ideias para escrever a estória, mas, ao ver uma manchete num jornal que informava que haviam encontrado um corpo no telhado do Hospital Psiquiátrico Ulysses Pernambucano, descobriu os subsídios necessários para a criação de toda a sua trama.

Ao escrever sobre o livro, Marcos Bagno, nos diz que:

> Entre o chão da sanidade e o céu da loucura delineia-se um arco-íris que tem entre cinco e sete cores, todas elas improváveis. Quando se está num dos extremos do arco, parece que nada há o que temer. Difícil e quase insuportável, porém, é ver-se exatamente no meio, na fronteira, na fina risca que delimita a normalidade e a demência. Pois é nesta situação angustiante que se encontra o personagem desta novela, a ponto de achar que ele mesmo é o autor de um diário escrito por alguém que já se matou ou pensar que é seu próprio corpo sem vida o que foi encontrado nos telhados da Tamarineira, nome tradicional do célebre hospital psiquiátrico do Recife, que já nos remete a outro livro onde as personagens se movimentam nesse pântano de solidão e insanidade: A Rainha dos Cárceres da Grécia, de Osman Lins. Aliás, não é só a livro que a novela de Raimundo Carrero nos remete. O texto é todo semeado de citações, não apenas literárias, mas também musicais e cinematográficas, embora nem tudo aqui seja livro, música e filme de verdade. Verdade? Mas que palavra é esta que muitos já consideram o antônimo de Literatura?
> Raimundo Carrero consegue em poucas páginas criar um verdadeiro labirinto-hospício, onde estão internados centenas de loucos-artistas, de João Cabral de Mello Neto a Tchekov e Gogol, passando por Clarice Lispector e Machado de Assis, Freud e Jung, Agatha Christie e Georges Simenon, João Câmara e Brennand, Ariano Suassuna e Manuel Bandeira, além de incontáveis poetas e prosadores pernambucanos, para não mencionar os atores e atrizes, diretores de filme e músicos da própria ficção do autor. Um livro digno de Jorge Luís Borges e Edgar Allan Poe que, ironicamente, Carrero não menciona, talvez mesmo para nos obrigar a penetrar nesta Tamarineira textual e tentar sair dela buscando um outro dos extremos do arco-íris. (BAGNO apud PEREIRA, 2009, p.134)

Bagno foi extremamente feliz com sua análise, mas, por mais que se fale de uma obra, todos os textos construídos tendem a ser menores que a obra em si. A maior de todas as questões (do ponto de vista literário) presentes, a meu ver, é sobre o personagem principal, ou melhor, quem é o personagem principal, o narrador da história que em nenhum momento é nomeado. Compreender o que vem a ser o personagem, sua sedução pela narrativa e buscar acessar se aquilo dito pelo personagem corresponde com a verdade ou não, mesmo

supondo que a verdade seja algo intangível. Contudo, para que possamos ter acesso às narrativas é preciso compreender o que elas vêm a ser.

Em *Os extremos do arco-irís* percebemos o narrador empenhado em nos convencer da história que está sendo contada, muito embora ele próprio estivesse confuso com os acontecimentos que passam a ocorrer com ele desde o momento que ele encontra um anúncio no jornal. No anúncio era informado que estavam contratando desempregados para desempenhar a função de detetive. Embora o objetivo da investigação fosse descobrir informações sobre um cadáver encontrado no telhado do Hospital da Tamarineira, é possível inferir que o narrador esteja à procura da sua própria identidade?

No contexto de transformações e mudanças da contemporaneidade, cada indivíduo passa a assumir inúmeras identidades, as quais variam conforme o momento ou situação enfrentada, bem como o ambiente e o contexto social, político, econômico e cultural pelo qual atravessa o homem e a sociedade. Segundo Stuart Hall, em *Identidade cultural na pós-modernidade*, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até o momento visto como sujeito unificado”. (HALL, 2006, p.7)

A identidade não se determina de modo autárquico, sem referência a um antagonismo, ou melhor, face uma figura antagônica, sendo necessária para isso uma negociação, implicando num conflito argumentativo ou até mesmo impositivo. Contudo, o desafio político à identidade é uma de suas distinções primordiais. A força dominante, as assimetrias entre atores nacionais e locais, além do grau de organização interna de cada grupo, colocam o desafio da negociação. Reivindicar uma origem imemorial e indiferenciada não é suficiente ou mesmo possível para garantir um referencial identitário. Sobretudo pelo fato das identidades serem construções tanto no sentido histórico, como no sentido das ações estratégicas, resultadas de uma série de operações e investimentos coletivos.

É possível enxergar *Os extremos do arco-íris* como um romance no qual o personagem procura sua própria identidade, também é possível vê-lo como uma homenagem aos poetas pernambucanos do século XX, mas a obra em si tem contornos de romance *noir*, onde há o detetive, a *Femme Fatale,* o policial

corrupto e toda uma teia de mistérios e reviravoltas que deixam os leitores na expectativa do que virá a seguir.

O enredo conta a história de um cinéfilo recifense desempregado que morava com os pais que de uma hora para outra tem sua vida modificada ao se tornar detetive, profissão que ele não tinha nem experiência nem preparo. O que o motivara a conseguir esse emprego era a possibilidade de conseguir algum dinheiro. Para sua surpresa maior, seu trabalho só seria remunerado caso ele desvendasse a investigação. Seu contratante se chamava José da Silva, um homem gordo que não se importava com a falta de experiência do seu contratado para resolver um “crime” que aparecera.

> Fiquei olhando para o amontoado de letras quem sabe já querendo dizer que não aceitava o emprego, fora um equívoco. Um crime misterioso no telhado do Hospital da Tamarineira, onde eram internados os doidos varridos, havia aparecido um cadáver em estado de putrefação sem sinais visíveis de violência, com roupa de interno, o que não significava que era ou tinha sido maluco, não identificado, o corpo já estava no Instituto Médico Legal. (CARRERO, 1993, p. 15)

O início dos questionamentos do personagem principal pode ser descrito com o diálogo que ele desenvolve com o José da Silva.

> - Tome o revólver e compre balas.
> - Não posso andar com uma arma sem mais nem menos,
> - Aqui tem o porte. Está meio velho mas ainda serve.
> - Por onde começo?
> - Isso é pergunta que um detetive faça?
> - Não sei. Não sei que tipo de pergunta os detetives fazem.
> - Já viu algum filme policial?
> - É claro.
> - Não terá dificuldades.
> - Quanto vou ganhar?
> - Por enquanto nada. Aqui não se ganha absolutamente nada enquanto os resultados não aparecem.
> - E é um emprego?
> - Não. Uma vaga.
> - Ajuda de custos?
> - Nenhuma.
> - Posso fazer uma pergunta?
> - É o que o senhor está fazendo.
> - A investigação foi solicitada pela polícia, pela família?
> - Aqui não queremos saber da polícia. Somos perseguidos porque a polícia não tem competência e nunca sabe desvendar casos misteriosos. Além disso não é bom que o senhor coloque em discussão os nossos métodos.
> - E a família?
> - Que família?
> - A do morto.
> - Cabe ao senhor descobrir onde mora?
> - E como devo conduzir?
> - Siga a sua intuição.
> - A vaga é minha?

> - Sim senhor. Tome maiores informações com a secretária. (CARRERO, 1993, págs. 15 e 16)

Nesse momento somos apresentados a personagem feminina que começa a bagunçar com a mente do "detetive". Não obstante, a primeira reviravolta se dá quando ele vai ao cinema Art Palácio[6] assistir ao filme "Instinto de Gata Selvagem" (filme que só existe no romance carreriano), que conta a história de uma mulher de 40 anos, Susie Cat, que funda uma casa de massagens, onde recebe desequilibrados mentais, sob a proteção de um ex-policial foragido de um hospício. A grande questão por trás disso é que o "detetive" passa a acreditar que Susie Cat é a secretária de José da Silva, muito embora o filme fosse uma produção estadunidense de 1982. A trama a partir daí dá início as paranoias (ou não) do personagem principal.

Seria o "detetive" uma personagem quixotesca que se perdeu da realidade após assistir inúmeros filmes e ler diversos livros, tendo assim um transtorno dissociativo da realidade? Seria ele uma vítima de uma trama bem arquitetada para ser culpado de um crime que não cometera? As perguntas são levantadas na cabeça de cada leitor e uma resposta definitiva para cada uma delas é de difícil alcance, se é que essas respostas são necessárias quando levamos em consideração uma leitura literária dentro de sala de aula.

Se buscarmos uma análise intersemiótica e motivado pelo entendimento do conceito por parte do professor Sebastien Joachim (2012), qual seja, como uma conexão entre as linguagens, uma vertente dos diálogos entre diversificadas áreas culturais (literatura, quadrinhos, música, pintura, cinema, dança etc), seriam, pois, os estudos intersemióticos um exercício estéticopolítico que dá voz às mais diversas formas de expressões artísticas, ou seja, a utilização de diferentes linguagens para uma determinada temática, é possível encontrar em obras cinematográficas algumas relações com o romance de Carrero.

Se *Os extremos do arco-íris* tivesse sido escrito no século XXI, não seria estranho se o protagonista da história se identificasse com Walter Sparrow (Jim Carrey), personagem principal do filme *Número 23* (The Number 23), por este

[6] Cinema tradicional de Recife, localizado na rua da Palma, na esquina com a Matias de Albuquerque. Com projeto do arquiteto Rino Levy. Com um grande hall, era considerado um dos melhores cinemas do país. Foi inaugurado em 1940 e fechou em 1993, com o filme Instinto Selvagem. Mesmo ano em que Carrero escreveu *Os extremos do arco-íris*, onde se passava o filme "Instinto de Gata Selvagem", título nitidamente inspirado no filme que se passava em seu fechamento.

acreditar que está sendo vítima de uma conspiração, ao ler um livro/diário que chega a sua mão. Tanto no romance de Carrero quanto no filme de Fernley Phillips, o protagonista chega aos limites da insanidade com o que lê. Em certo ponto do romance de Carrero, o seu herói demonstra a sua paranoia da seguinte forma: “Estava em andamento a conspiração. Estava. Aquele caderno chegara às minhas mãos como prova da minha loucura violenta capaz de assassinar qualquer pessoa... Devia desfazer-me do caderno. Se jogar fora alguns inocentes comprimidos podia me complicar, imagina o que não aconteceria com um diário?” (CARRERO, 1993, p.48)

O personagem de Carrero, assim como o Dom Quixote, de Cervantes, demonstra ao longo do romance uma perda da realidade, misturando a ficção do que lia e via com a realidade.

> A minha loucura é normal. Todo mundo carrega-a no sangue.
> [...]
> Estudei dia e noite, adiei duas sessões com os súditos, consultei Freud e Jung. De passagem li romances e poemas, tudo isso que me interessa à medida que me faz evoluir. (CARRERO, 1993, p. 51-52)

Em todo seu romance, Carrero, ou melhor, o narrador não deixa claro o que está sendo narrado, nem se o que está sendo contado pela personagem tem razões de ser. No entanto, como num pensamento atribuído a Herman Hesse, “ao lidar com malucos, a melhor coisa que podemos fazer, é fingir que somos sãos” [7]. E essa é justamente a maneira que o psiquiatra do romance, George Lederman[8], age com o narrador da trama.

Nesse momento encontramos um outro filme que dialoga com o romance carreriano, haja vista a relação entre o psicanalista e o “detetive” se assemelhar a existente no filme estadunidense *Don Juan DeMarco*, onde o ator Marlon Brando interpreta um psiquiatra, Dr. Jack Mickller, e Johnny Depp interpreta um confuso jovem que acredita ser Don Juan. O jovem Don Juan é encaminhado para uma clínica psiquiátrica após tentar cometer suicídio. No entanto, ele só aceita ir para a clínica, pois o personagem do psiquiatra finge ser um fidalgo espanhol, Don Octávio del Flores. E em inúmeros momentos a fantasia e a realidade se confundem. Embora o filme possa ser discutido pela psicanálise em

[7] Disponível em http://www.paralerepensar.com.br/h_hess.htm Acesso em 02/02/2023.
[8] Nome de um famoso psicanalista, Ex-presidente da Regional Recife da Associação Brasileira de Medicina Psicossomática. George Lederman também analisou a obra de Carrero.

inúmeros pontos (megalomania; narcisismo; complexo de Édipo; negação por trauma), o que nos interessa é a relação existente entre psiquiatra e paciente. Tanto no filme, quanto no livro de Carrero, desenvolve-se uma relação de confiança e amizade entre os personagens, onde entrar no mundo imaginário do paciente se faz necessário para garantir a confiança e obter o sucesso no tratamento. No entanto, faz com que a fantasia existente em seus diálogos torne a interpretação do quadro do paciente complexa para o público leitor/expectador.

Em *Don Juan DeMarco*, pode-se concluir ao final do filme, que o personagem é um neurótico, que apresenta traços psicóticos, haja vista ele sair do surto psicótico no qual se encontrava, relatando sua real história, ao ser medicado.

Se os poetas remetiam o protagonista de *Os extremos do arco-íris* a filmes[9], sua própria história nos remete a outros filmes. O romance carreriano, embora seja, como já foi dito, um livro infanto-juvenil, a trama se apresenta complexa e com o final inconclusivo. Em *Os extremos do arco-íris*, ficamos sem saber ao certo quem é o personagem do detetive, interno como maluco, viciado em filmes, que acredita que Manoel Bandeira e Ariano Suassuna são internos do Hospital da Tamarineira, pois a fantasia criada pelo personagem, bem como a desenvolvida como verdade pelo psiquiatra Lederman, deixa um suspense no ar, finalizando com o personagem central "assumindo" ser "Checov. Ou Tchekcov. Ou Tchekhov. Como queiram." (CARRERO, 1993, p.96)

[9] "As poetas me remetiam para os filmes". CARRERO, 1993, p.70

4. POR UMA PROPOSTA DE LEITURA LITERÁRIA

Após termos debatido sobre conceitos de literatura, narrador, leitor e sobre o autor e a obra que iremos trabalhar em sala de aula, nos cabe agora perguntar: o que vem a ser uma leitura literária e por que ela seria interessante para alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental? Primeiramente, vale salientar que os alunos do 9º Ano não foram escolhidos de maneira aleatória para esta proposta, haja vista eles estarem vivendo seu último ano do Ensino Fundamental e o desenvolvimento da leitura literária poderia ajudar de maneira louvável todo processo advindo com o Ensino Médio.

A leitura desempenha um papel fundamental no nível individual e coletivo do aluno, contribuindo para seu enriquecimento pessoal, possibilitando-o a ter uma visão real do mundo.

Convocando Sartre, podemos falar que “a leitura é um exercício de generosidade; e aquilo que o escritor pede ao leitor não é a aplicação de uma liberdade abstrata, mas a doação de toda a sua pessoa, com suas paixões, suas prevenções, suas simpatias, seu temperamento sexual, sua escala de valores”. (SARTRE, 1993, p. 42).

Quando paramos para pensar em leitura é possível que nossa mente associe a livros, livrarias e bibliotecas, contudo sabemos que existem inúmeros tipos de leitura. A leitura literária acontece quando a ação do leitor constitui de maneira fundamental uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa (embora às vezes angustiantes).

Na escola, a leitura está ligada a diversos discursos e diferentes tipos de textos, como a científico, a filosófico, a informativo, sendo a leitura literária um tipo leitura. A leitura literária é essencial para o desenvolvimento de questionamentos do mundo, para isso é necessário liberdade e respeito pela leitura do outro, haja vista cada leitura ser particular. Além disso é preciso ter em mente que a Literatura (enquanto disciplina escolar) é tão importante quanto os demais conhecimentos transmitidos aos alunos.

Cabe à Literatura e à escola ter como meta o desenvolvimento do humanismo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico, não importando se o educando continuará os estudos ou ingressará no mercado de trabalho. Ao

professor cabe o papel de formar o leitor literário, ou seja, um leitor reflexivo, crítico, que sabe apropriar-se daquilo que tem direito.

É através da leitura literária que é possível exercitar a imaginação, dando origem a estórias capazes de despertarem no leitor pensamentos e emoções. Além disso, na leitura compartilhada de um texto literário a possibilidade da invenção, da criação, está sempre aberta.

É necessário perceber que a leitura literária é um instrumento de capacitação do sujeito em relação às demais proficiências e, ademais, permite o pleno exercício da cidadania, posto que por meio dela é possível assumir uma postura mais crítica do mundo.

Como pudemos ver no capítulo 1, a literatura não tem um compromisso de fazer um retrato da realidade imediata, cabe ao artista literário muito mais recriar a realidade de acordo com sua própria visão de mundo. A literatura apresenta uma realidade do mundo em desenvolvimento constante em plano simbólico e é uma realização de linguagem. A arte literária funciona como um jogo lúdico em torno da linguagem, das expressões, do conteúdo e das formas, ela não é subordinada apenas a um objetivo intermediário da prática. Através da leitura a compreensão do mundo e a compreensão de si podem ser enriquecidas. E é nesse momento que voltamos à questão: como fazer os estudantes executarem uma leitura literária?

A pesquisadora e professora Elzeni Reis dos Santos nos informa que:

> O ato de ler auxilia no desenvolvimento das habilidades de produção textual e análise linguística do texto. Quando o aluno adquire o hábito de leitura, além de expandir o horizonte cultural, tende a favorecer a interpretação de textos (de todas as áreas), pois a leitura expande o universo linguístico do leitor, tanto em vocabulário quanto em aspectos culturais. Quanto mais lemos, mais facilidade temos para perceber aquilo que está implícito, aquilo que extraímos de uma leitura mais aprofundada do texto. Dessa forma, o educando deixa de ser passivo na leitura e torna-se ativo e interferente, levando-se em consideração que o conhecimento resulta de um processo de construção.
> [...]
> Quando o aluno não tem interesse pela leitura literária, cabe ao professor motivá-lo com suas habilidades. É preciso que a escola e o professor criem e organizem condições para que os discentes do Ensino Fundamental possam praticar a leitura literária. O professor tem que estar envolvido com o ato de ler, onde o aluno possa fazer da leitura um hábito e este se torne um processo de aprendizagem, onde a leitura possa ser desenvolvida juntamente com a compreensão e a interpretação por meios diversos. (SANTOS, 2018)

Nas minhas últimas experiências como docente em sala-de-aula pude perceber como as diferenças estruturais das escolas e da metodologia dos professores afetam fortemente em como os alunos reagem ao processo de leitura. Como falei anteriormente, ao longo do ano de 2022 realizei estágio supervisionado do meu curso de Letras-Português em escolas que eu já havia atuado como professor em outras ocasiões.

A primeira escola é uma Escola Pública Estadual voltada para o Ensino Médio e o Ensino Fundamental a partir do 6º Ano. Ela também oferece supletivo para o Ensino Fundamental. Nesta escola a turma que trabalhei foi justamente o 9º ano.

No aspecto estrutural a escola possui, segundo o último Censo Escolar:

- 10 salas de aulas
- Sala de diretoria
- Sala de professores
- Laboratório de informática
- Quadra de esportes coberta
- Cozinha
- Biblioteca
- TV
- Antena parabólica
- Copiadora
- Impressora
- Aparelho de som
- Projetor multimídia (Datashow)
- Acesso à Internet banda larga

Contudo, é necessário salientar que a escola carece de inúmeras mudanças em seus equipamentos, haja vista seu laboratório de informática ser composto por obsoletos computadores estilo *netbook*, doados pelo Governo do Estado de Pernambuco e, segundo estudantes e professores, nem sempre a internet funciona.

A utilização do projetor multimídia também é dificultada, pois se faz necessário uma reserva antecipada para a sua utilização. Os televisores são ultrapassados, ainda de modelo de tubo, e seu uso é improvável em uma aula

nos dias de hoje. A quadra de esportes muitas vezes é ocupada por carros dos funcionários da escola, algo que, a meu ver, dificulta um tanto a prática de esportes.

Durante meu período como observador e como regente pude ver que em quase todas as aulas a turma apresentava um comportamento disperso, haja vista as inúmeras conversas paralelas entre os alunos, bem como a frequente utilização de smartphones e fones de ouvido durante as aulas, soma-se a isso as inúmeras saídas dos alunos da sala-de-aula por motivos variados (beber água, ir ao banheiro ou mesmo sem nenhum motivo aparente). Deve-se destacar que os comportamentos descritos se referem a maioria dos alunos, mas não a totalidade. Não obstante, com a presença da Gestora em sala-de-aula o comportamento dos alunos mudava significativamente, visto que ela é tida pelos alunos como uma figura de autoridade inquestionável pela sua postura rígida.

A segunda escola é uma Escola Pública Federal voltada para o Ensino Médio e o Ensino Fundamental a partir do 6º Ano e seu campo de atuação inclui a elaboração de novas técnicas pedagógicas e educacionais. Apresenta no seu projeto político-pedagógico os seguintes objetivos:

- Promover a formação integral dos alunos do Ensino Fundamental e Médio.
- Servir de campo de experimentação na área do Ensino Fundamental e Médio;
- Servir de campo de estágio para as diversas licenciaturas da UFPE e de outras instituições;
- Ser um espaço privilegiado para formação continuada de professor da educação básica, realizada pela universidade, articulada com a participação institucional nos programas de apoio à formação de docentes.

Desenvolve Regularmente:

- Atividades de ensino do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental com um total de 8 turmas e da 1º a 3º série do Ensino Médio com um total de 6 turmas;

- Atendimento aos licenciandos da UFPE e de outras instituições no estágio de observação e regência de classe;
- Projetos de pesquisa relativos ao Ensino Fundamental e Médio;
- Atividades de extensão: programas, projetos, cursos, consultorias.

Contado com aproximadamente 420 alunos, divididos em duas turmas de 30 alunos por ano escolar, a escola possui 14 salas de aula de Educação Básica, 8 Salas ambiente, sendo uma para Francês, outra para Inglês e mais uma para Espanhol, além além de uma infraestutura exemplar como é possível observar nos quadros abaixo.

Quadro 1

Categoria	Ambiente	Área (m²)	Qt.
Salas de Aula de Educação Básica	Sala tipo 1	53,96	9
	Sala tipo 2	44 a 45	4
	Sala tipo 3	36,72	1
Total de Salas de Aula de Educação Básica			14
Salas-Ambiente	Artes	109,1	1
	Líng. Estrangeira – Francês	26,43	1
	Líng. Estrangeira - Inglês	26,43	1
	Líng. Estrangeira - Espanhol	25,86	1
	Educação Física (Quadra)	828,2	1
	Dança	64,26	1
	Ginástica	64,59	1
	Música	53,43	1
Total de Salas Ambientes			8
Laboratórios	Biologia	54,08	1
	Física e Tecnologias	53,96	1
	Matemática e Desenho	53,96	1
	Química	51,47	1
Total de Laboratórios			4

Fonte: Site do Colégio de Aplicação, 2023.

Quadro 2

PRÉDIO CENTRAL	DEPENDÊNCIAS
Pavimento Térreo	• Hall Interno • Recepção • Sala de Artes • Central de Informática • SOAE • Direção • Vice Direção • Secretaria • Escolaridade • Tesouraria • Copa • Sala de Espanhol • Sala de Língua Inglesa • Sala de Língua Francesa • Laboratório de Física e Tecnologias • Laboratório de Química • Laboratório de Biologia • 4 salas de aulas • WC de Professores • WC de Professoras • WC de Alunos • WC de Alunas • Vestiários
1º andar	• SOE • SOEP e Coordenação de Ensino • Laboratório de Matemática e Desenho • Biblioteca • Serviço Disciplinar • Sala de Vídeo (em desuso) • 10 Salas de aulas • WC de Professores • WC de Professoras • WC de Alunos • WC de Alunas
Recreio Coberto	• Sala de Música • Palco e camarins feminino e masculino • WC de Alunos • WC de Alunas • Salão para eventos

Fonte: Site do Colégio de Aplicação, 2023.

Quadro 3

Categoria	Ambiente	Área (m²)	Qt.
Salas de Aula de Educação Básica	Sala tipo 1	53,96	9
	Sala tipo 2	44 a 45	4
	Sala tipo 3	36,72	1
Total de Salas de Aula de Educação Básica			14
Salas-Ambiente	Artes	109,1	1
	Líng. Estrangeira – Francês	26,43	1
	Líng. Estrangeira - Inglês	26,43	1
	Líng. Estrangeira - Espanhol	25,86	1
	Educação Física (Quadra)	828,2	1
	Dança	64,26	1
	Ginástica	64,59	1
	Música	53,43	1
Total de Salas Ambientes			8
Laboratórios	Biologia	54,08	1
	Física e Tecnologias	53,96	1
	Matemática e Desenho	53,96	1
	Química	51,47	1
Total de Laboratórios			4

Fonte: Site do Colégio de Aplicação, 2023.

Nessa escola meu estágio foi realizado numa de 1º Ano do Ensino Médio e a idade dos alunos era bem semelhante com a dos alunos do 9º Ano da escola anterior. Seja no meu período como observador ou como regente, a turma apresentava um comportamento de bastante respeito e admiração com a docente e comigo. As perguntas desenvolvidas ao longo da aula foram bastante pertinentes. A turma não apresentou nenhum tipo de descontrole, muito pelo contrário, o debate e o respeito às ideias apresentadas eram admiráveis.

Foi feito uso de notebook e projetor na sala de aula, deixando a aula dinâmica e interativa. A turma apresentou interação, questionando sempre sobre as temáticas apresentadas e fazendo analogias com assuntos da sua realidade, um exemplo foi uma análise da política monetária do Brasil. Além disso, todos os alunos haviam feito no mês anterior à minha chegada na escola debates e produções escritas sobre a obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus.

Dessa forma, podemos perceber que é impossível criar uma fórmula mágica para o processo seja de leitura literária quanto para uma educação de maneira geral. É preciso sempre estar atento a realidade dos alunos para que se lute por uma igualdade de oportunidades. É fato que o professor tem que estar

motivado na sua atividade docente para que ele consiga incentivar os alunos pelo gosto por estudar, nesse caso, o gosto pela leitura literária.

Embora não seja uma afirmação categórica, um grande problema enfrentado muitas vezes por professores de literatura é que o livro didático frequentemente contribui para o desinteresse pela leitura, uma vez que tentam muitas vezes manipular seus leitores na intenção de transmitir valores, costumes, princípios e linguagens de uma cultura até certo ponto elitizada em vez de comtemplar textos que explorem o contexto socioeconômico e cultural do aluno.

> Para o ensino da leitura de textos literários, as diretrizes contemporâneas de ensino sugerem que o aluno possa tomar gosto pela atividade. Logo, temos que lançar mão de perguntas voltadas para o ensino da leitura de textos literários como molas propulsoras de um aprendizado ativo.
> Pergunta-se então, que tipos de questões seriam melhores para a mobilização da aprendizagem da leitura literária do aluno? (XYPAS, 2020, p.5)

Para que os alunos possam ter um aprendizado melhor, não é necessário somente ter acesso aos livros didáticos e à leitura de obras literárias, tem que haver algo mais provocador, sem a dinâmica à sistematização da aula faz-se rotineiramente pelo estabelecimento do contexto político-social.

> ...fazer avançar o ensino da leitura literária, é elaborar questões para a leitura de textos literários que desenvolvam os processos interpretativos do sujeito leitor lendo.
> Vale ressaltar que, nas teorias sobre leitura, até meados dos anos 80, o modelo predominante de leitura era baseado no texto e o papel do leitor era o de responder o que o autor quis dizer. Depois, a leitura passa a ser um modelo interativo. Nos anos 90, o leitor constrói os sentidos do texto lido, sem que para isso, admitam os especialistas da literatura que toda interpretação seja válida. Nos anos 2000, o modelo de leitura se fundamenta no acolhimento da subjetividade do sujeito leitor, a leitura subjetiva entra no ensino da literatura e dá voz ao leitor comum, elemento mais esquecido nos estudos literários. (XYPAS, 2020, p.2)

Quando tomamos o livro *Os Extremos do arco-íris* como possibilidade de ser trabalhado em sala-de-aula para alunos do 9º ano, levamos em consideração alguns fatores. O primeiro é que é um livro voltado para o público com idade entre 13 e 16 anos[10], ou seja, a idade da maioria dos estudantes dessa série; o segundo é que é um livro curto, de menos de 100 páginas, algo que possibilitaria

[10] Não significa dizer que apenas pessoas dessa faixa etária possam se encantar e adquirir conhecimentos com o livro. Mas ele foi pensando inicialmente para esse público.

aos alunos uma menor desistência pelo tamanho do livro; o terceiro é a infinidade de temáticas que o livro aborda: desemprego, cinema, mistério, loucura, literatura, além de ser um passeio sobre a cidade do Recife e a literatura produzida em Pernambuco, características que já foram abordadas no capítulo anterior.

Segundo Xypas (2020), a leitura literária se constitui em seus cinco processos: perceptivo, cognitivo, argumentativo, afetivo e simbólico

> O processo perceptivo permite ler a capa, suas cores, julgadas no conjunto, atraentes ou não, aos títulos que chamam atenção ou não, ao nome do (a) autor(a) que escreveu a história e a corrente literária ao qual está filiado(a), o gênero em que foi escrito, estes elementos poderão desencadear imagens mentais singulares de cada leitor. (XYPAS, 2020, p.14)

Ao pegar o livro nas mãos, um aluno disposto a fazer uma leitura sem a preocupação com o que o autor quis dizer (sobretudo pelo fato de que após uma obra ser publicada, a opinião do autor não tem a menor importância), mas sim com a sua possibilidade de interpretação de mundo, se depara de imediato com uma capa e um título que chamam a atenção.

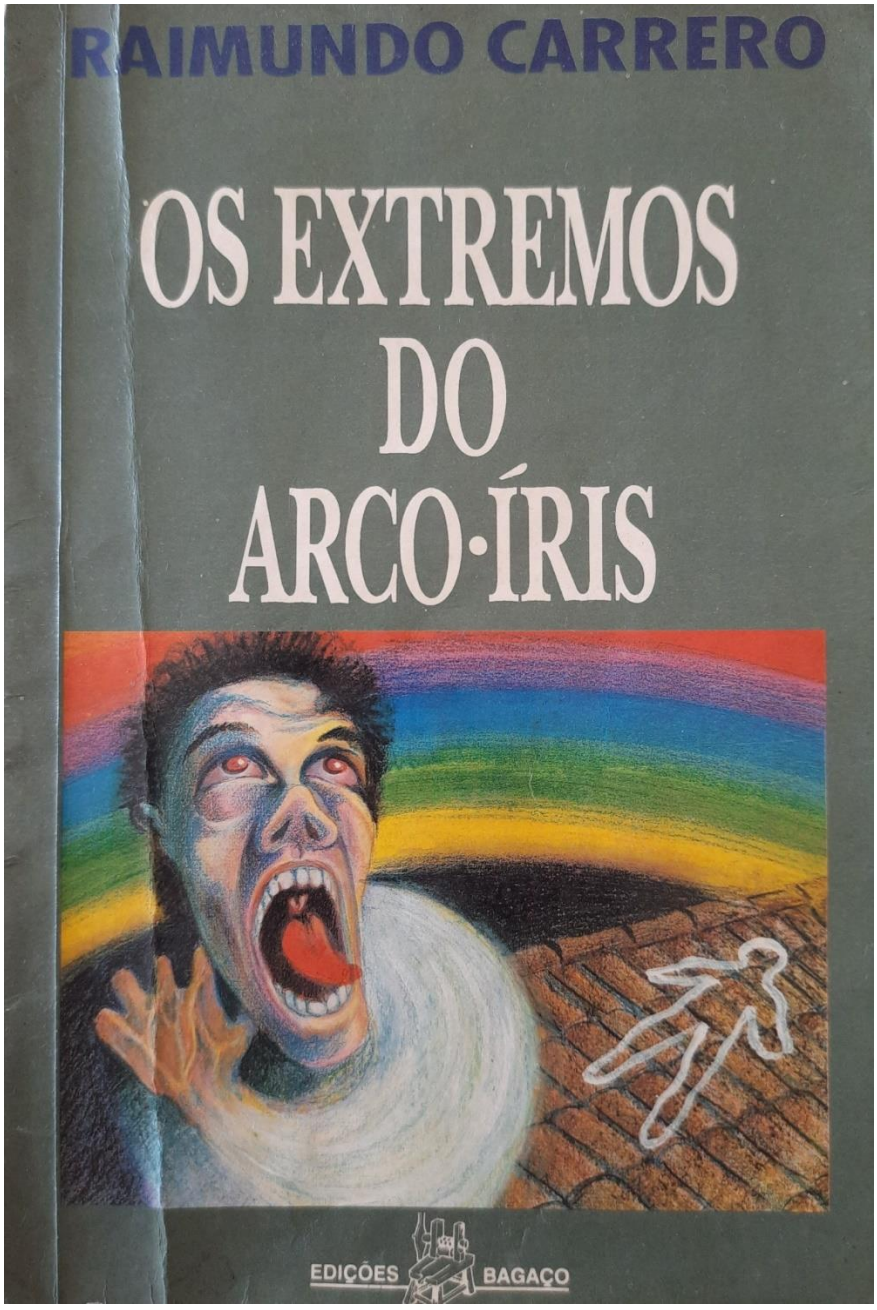
O que quer dizer “os extremos do arco-íris”?

Por que tem uma pessoa gritando na capa do livro?

O que seria aquela marcação típica de um corpo em óbito no chão? Por que ela está ali?

Essas são algumas das perguntas que o leitor pode se fazer assim que pega no livro e suas respostas serão bem particulares, não tendo necessariamente uma resposta única, mas sim a leitura de mundo de cada leitor (aluno). “No entanto, reduzir o ensino da leitura literária ao desenvolvimento do processo perceptivo é permitir que o sujeito leitor fique no entorno do texto e não na leitura do texto propriamente dito.” (XYPAS, 2020, p.14)

Figura 1



Capa da 1ª edição de *Os Extremos do arco-íris*.

Com a leitura do romance carreriano, o estudante tem a possibilidade de adquirir conhecimentos sobre diversos assuntos, tais como obras literárias de diversos escritores de Pernambuco, reflexões sobre processos e estudos psiquiátricos, história da cidade e produção de memória. Tais habilidades se enquadram no processo cognitivo.

> O segundo processo proposto por Thérien (2007) é o processo cognitivo pelo qual a leitura literária ajudará o sujeito leitor a constituir um saber, uma cultura, uma erudição que tende a aumentar e a se

> diversificar com suas leituras e que poderá se tornar a marca de seu interesse pela literatura na formação de sua biblioteca interior. (XYPAS, 2020, p.14)

No processo argumentativo encontramos um dos pontos mais complexos a ser analisados, visto que é um processo sedutor para os professores e podem limitar um pouco o desenvolvimento do aluno-leitor. A argumentação se desenvolve com um orador que se endereça ao seu auditório com argumentos, no intuito de lhes persuadir ou convencer.

> No processo argumentativo, sua atenção é voltada para o primeiro processo da leitura, ou seja, o perceptivo que induz, como já foi mencionado, apenas à representação visual da forma do texto, atitude introdutória e insuficiente para a formação do sujeito leitor. O leitor se obriga a evocar elementos constitutivos do processo cognitivo utilizando estratégias fincadas nas repetições, memorizações, tomadas de notas etc. Com essas estratégias, o sujeito leitor não busca seus conhecimentos prévios, mas se volta para respostas do *Aqui está* e nunca ou quase nunca as que mobilizem a relação implícita e fundada nos esquemas do leitor, ou as da categoria do *Apenas você,* aquelas que induzem o leitor a utilizar seus próprios conhecimentos. (XYPAS, 2020, p. 17)

Para a atividade de se seduzir com a obra, com sua história e com os personagens, encontramos os processos afetivos e simbólicos. É através deles que o leitor acessará a sua memória afetiva, se emocionar e sentir prazer com a leitura. Atividades fundamentais para que uma leitura literária seja alcançada. Para sentir empatia por “Tchecov”, para compreender sua narrativa, para se identificar e/ou se distanciar do personagem e com sua história, tudo isso é possibilitado pelos processos afetivos e simbólicos de leitura literária.

> Pelo processo afetivo, o sujeito leitor ativa sua memória-afetiva, que longe de ser um repositório compartimentado, aberto para sentir emoções advindas de sentidos já prontos, de leituras já dadas, a memória-afetiva pertence ao sujeito leitor, vem dele e se explicita pelas marcas subjetivas dele.
> [...]
> O que o texto lido diz para o sujeito leitor? Ora, o que se sabe sobre isso nas práticas de ensino de leitura literária? É *sine qua non* que os processos afetivo e simbólico estejam imbricados para que formem a base da pirâmide da experiência estética de cada leitor.
> [...]
> O ato de leitura no processo simbólico é bastante amplo. Ele vem reforçar as certezas que dão prazer ao leitor ou colocá-las em dúvidas pelas confrontações das diferenças, pela construção de sentidos formados por outros imaginários. Os sentidos são compartilhados pelo grupo social de origem do sujeito leitor e pelos seus pares. Isso pode fazer da atividade de leitura uma aliada contra o pensamento único em literatura. (XYPAS, 2020, p. 23)

Será que ao conhecer os cinco processos para a realização de uma leitura literária será possível aos professores desenvolverem em seus alunos esse tipo de leitura? Será que os docentes mais antigos não ficarão tentados a lógica dos livros didáticos que vinham com questionários para serem respondidos e transformando o ato de ler em uma atividade enfadonha e burocrática? Como nos diz Xypas (2020, p. 09), “elaborar questões faz parte de estratégias de intervenção docente, mas os discentes podem igualmente elaborar suas perguntas. A questão central seria elaborar questões tanto voltadas para a avaliação quanto para o ensino”.

Peter Hunt, diz que se aceitarmos que crianças são diferentes dos adultos, devemos assumir o argumento de Jonathan Culler:

> Desde que consideremos como nossa tarefa a análise de competência literária em sua manifestação nas estratégias interpretativas dos leitores, as atividades dos leitores[...] nos apresentam um arsenal de fatos a explicar [...]. É essa noção do que os leitores podem e irão fazer que possibilita a um autor escrever, pois intencionar significados é supor um sistema de convenções e criar sinais na perspectiva desse sistema. (CULLER apud HUNT, 2010, p. 110)

Não cabe ao professor desejar que o aluno tenha as mesmas interpretações do texto literário que ele, haja vista o professor ter acumulado mais conhecimento que o aluno ao longo de sua vida, além da possibilidade de suas vidas serem bem distintas.

Num livro como *Os extremos do arco-íris* muitas interpretações podem ser alcançadas e muitos aprendizados podem ser atingido pelos alunos, no mínimo é possibilitado o desenvolvimento do gosto pela leitura. Embora nunca se deve esquecer as diferenças de realidades dos estudantes. O docente nunca deve esperar que seus alunos tenham o mesmo nível de compreensão nem tão pouco possuam as mesmas afinidades com a leitura. Se dentro de uma turma é possível encontrar inúmeras realidades, se levarmos isso para inúmeras turmas e diferentes escolas a resposta será tão particular quanto se puder esperar.

5. CONSIDERAÇÕES

É possível que a maior dificuldade que se encontre ao realizar um trabalho acadêmico seja a limitação pelo tempo, pelo prazo. Assim como na edição de um livro, sempre encontraremos algo para modificar, seja uma pontuação, um pensamento que não ficara plenamente claro, ou a repetição de ideias ou mesmo a contradição delas. Num estudo acadêmico sobre literatura, observa-se ainda esse entrave de maneira mais latente, haja vista as análises não serem feitas em laboratórios, mas sim, com os diferentes universos contidos numa infindável gama de livros, possibilitando, inclusive, um desejo megalomaníaco de fazer referência a todas as similaridades que se encaixam com os pensamentos dos autores ou mesmo com o dos personagens. Algo que beira o impossível, haja vista sempre faltar um livro a se conhecer ou referenciar.

Trabalhar com literatura, falar em leitura literária para adolescentes e sobre os entraves na educação no mundo contemporâneo nunca é fácil e é necessário um esforço tremendo e lidar com as adversidades, sobretudo se pararmos para pensar que cada estudante vive uma realidade particular e tem visões de mundo, valores e níveis de aprendizagem bem singulares. Ao professor de literatura só resta muita dedicação na tentativa de diminuir barreiras dos estudantes com uma atividade que tem implicações para toda as suas vidas.

Com o livro específico de Raimundo Carrero é possível sugerir inúmeras reflexões, seja da temática, seja sobre os personagens ou mesmo o despertar do interesse por outras obras do autor ou de gêneros semelhantes, além das possibilidades de conversas entre as artes, ou seja, da literatura com o cinema, a música, com histórias em quadrinhos, ou qualquer outra arte.

Jamais pensei que pudesse encerrar qualquer questionamento com esse trabalho, muito pelo contrário, com esse trabalho tive a intenção de refletir sobre o que vem a ser literatura, leitura, leitura literária e sobre como as obras literárias tocam os estudantes. Neste caso, como trabalhar o livro *Os extremos do arco-íris* com uma turma do 9º Ano do Ensino Fundamental. Por mais que eu possa imaginar que seja uma experiência de grande valor acadêmico, intelectual e prazeroso, não significa que outros docentes e/ou mesmo os alunos se sintam da mesma forma. Não existe fórmula mágica para a educação da mesma forma que não existe fórmula mágica para a vida.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de janeiro: Rocco, 1987.

BRASIL, Assis. **Faulkner e a técnica do romance**. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1964.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.

CARRERO, Raimundo. **O amor não tem bons sentimentos**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____ **Os Extremos do Arco-íris**. Recife: Edições Bagaço, 1993.

_____ **Seria uma sombria noite secreta**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____ **Sombra severa**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____**O delicado abismo da loucura.** São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____**Ao redor do escorpião... uma tarântula? Orquestração para dançar e ouvir.** São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____**Somos pedras que se consomem**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

_____ **As sombrias ruínas da alma.** São Paulo: Iluminuras, 1999.

_____**Sinfonia para vagabundos: visões em preto e branco para sax tenor.** Recife: Edições Bagaço, 1994.

_____ **Maçã agreste**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

_____ **Tangolomango: Ritual das paixões deste mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____ **Suplemento Pernambuco**, Recife: CEPE, Fev.2013.

CASTAGNINO, Raúl H. **Que é literatura?**, Natureza e função da literatura. Tradução: Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1969.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

DON Juan de Marco. Filme de Jeremy Leven, Estados Unidos, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a Literatura?** São Paulo: Ática, 1993.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas.** Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____**As Categorias da Narrativa Literária**. In Analise Estrutural da Narrativa. (pg. 209-254). Tradução: Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

FAULKNER, Willian. **Entrevista conduzida por Jean Stein Vanden Heuvel**, publicada na Paris Review, nº 12, primavera de 1956 e republicada no livro Os Escritores: as históricas entrevistas da Paris Review. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas***.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade.** Trad: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HESSE, Herman. Disponível em http://www.paralerepensar.com.br/h_hess.htm. Acesso em 02/02/2023.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. Tradução: Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

JOACHIM, Sébastien. (Org.). **Representações inter/intraculturais: literatura/arte, outros domínios.** Recife: Eduep, 2008.
_____. **Novos Aspectos da leitura**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

LIMA, Luiz Costa. **Pensando nos trópicos***.* Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

LINS, Osman. **A Rainha dos Cárceres da Grécia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance***.* São Paulo: Editora 34, 2012.

Meu maluco favorito. Jornal Diário de Pernambuco, 23 de setembro de 2013.

MICHAELIS, **Dicionário online**. Disponível em https://michaelis.uol.com.br Acesso em: 10/02/2023.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 1991.
_____ Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix, 2013

Manual para apresentação de trabalhos acadêmicos da Universidade Católica de Brasília. Coordenação Maria Carmen Romcy de Carvalho .[et al.]. Universidade Católica de Brasília, Sistema de Bibliotecas. – 5.ed.- Brasília, 2011.

NÚMERO 23**.** Filme de Fernley Phillips, Estados Unidos, 2007.

PEREIRA, Marcelo. **Raimundo Carrero: a fragmentação do humano**. Recife: Caleidoscópio, 2010.

OSEKI-DEPRÉ, Inês. **A propósito da literariedade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.

PESSÔA, José Rafael Monteiro. **Entre o lirismo e o abismo: as representações da loucura de Raimundo Carrero**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a Literatura?** São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Elzeni Reis dos. **Leitura Literária: A Prática da Leitura Literária como Atividade Integrante no Processo de Formação de Leitores dos Alunos do Ensino Fundamental de uma Escola Pública do Município de São João da Baliza/RR**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 07, Vol. 01, pp. 57-79, Julho de 2018. ISSN:2448-0959

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas.** Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____**As Categorias da Narrativa Literária**. In Analise Estrutural da Narrativa. (pg. 209-254). Tradução: Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

XYPAS, Rosiane. **Perguntas e processos para um ensino de leitura literária inovado**r. Revista Investigações, Recife, v. 33, n. 1, p. 1 - 27, 2020